



Gaiato

20 DE MARÇO DE 1971

ANO XXVIII — N.º 705 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Aqui Lusoa

Ao que parece, vai acabar legalmente a humilhante «gorgeta». Mais vale tarde que nunca, embora não acreditemos muito em que isso, na prática, se venha a processar a curto prazo, tão arreigado está tal procedimento no espírito das pessoas, ao lado do querer «botar figura» a todo o transe por parte de muitos, que pretendem apresentar importância ou teres e haveres que não possuem. De resto, a discriminação, oferecida ou procurada, continuará à falta de educação adequada e por mal dos nossos pecados, a assentar no vil metal...

É evidente que quem trabalha tem direito a uma justa remuneração correspondente e não deve estar à mercê da maior ou menor generosidade ou da disposição dos outros. Não concebemos mesmo como se tem mantido o sistema da «gorgeta», duplamente aviltante para quem a dá ou a recebe, atingindo as raias do anti-humano. A justiça não se pode confundir com a liberalidade ou a virtude da caridade. Importa dar o seu a seu dono, incluindo no custo dos produtos ou serviços aquilo que lhe compete pelo trabalho neles incorporado.

XXX

Apesar dos esforços feitos, em que é de assinalar essencialmente a acção de Instituições particulares, continua a observar-se o triste espectáculo dos cegos pedintes pelas ruas

Continua na QUARTA página

Não há dia nesta Casa esquecido do António Augusto, que daqui saiu e não voltou. Na conversa e na oração de cada dia, há sempre um a lembrar. E porque entre todos me cabe a mágoa mais profunda de ter perdido um filho, vão para ele, algures na Beira, estas palavras.

Lourenço Marques, Março/971

A tua vida é um sonho mau. De pequenino viveste com os da tua idade, nas ruas do Porto, a aventura do dia a dia e trocaram-te a sopa quente pela fruta roubada a correr. Teu pai deixou tua mãe e tua mãe a ti e teus irmãos, quando passados anos morreu tuberculosa. Viste para a Casa do Gaiato e encontraste ali amizade e quase nasceu em ti amizade por aqueles que ora eram teu pai e tua mãe. Lembras-te daquele miúdo que uma vez se dependurou ao meu pescoço suplicando: «Leve-me consigo para L. Marques, porque o senhor é que é o meu pai?». Sei que lembras. Aqui recebeste carinhos sem conta de muitas pessoas; aqui experimentaste numa segunda fase da tua vida os meandros da malícia dos homens. Foste, porém, igual a tantos outros na tua idade. Nem criminoso, nem nada. Apenas vítima, mas não indiferente. Saíste da Casa na hora em que se preparava o aconchego do Natal. Deixaste um vazio maior nessa hora, mas não desânimo. Há pr'aqui filhos de boa gente que fazem pior. Tu conheces. Maltratam os pais, exigem deles para levarem vida devassa e no fim abandonam-os cruelmente. E escandalizam a sociedade que de tais pais esperava melhores filhos. Normalmente até são os pais os culpados! Ora no nosso caso nem tu nem eu. E ninguém diz mal de ti pelo que fizeste. Te admiraram e louvariam antes se fosses bom rapaz, como hás-de vir a ser, estou certo. Porque afinal és tu que estás em jogo, é a tua pessoa, a tua vida, muito embora te julgues um entre tantos neste mundo. És tu. E para ti, a tua vida, o teu universo estão encerrados na tua mão, ou melhor, na tua vontade. Vives inquieto e fugido de ti mesmo. Procuraste uma prisão a que chamas liberdade. Aqueles que te prendem e aquilo a que te prendes te hão-de cansar-se e cansar-te. Procures compensação no roubo, nas aventuras, na noite, no ódio ou vingança de seres abandonado ou enganado... — nunca alcançarás satisfação numa coisa que está fora de ti. O que tu és, o que tu vales — ainda o não descobriste. O bem de possuir-te, despresa-lo. Entretanto, o mal nasceu debaixo de teus pés, seguiste-o pelo caminho mais tortuoso. Segues uma luz apagada e nesse trilho nunca chegarás ao amanhecer da tua vida. Não gostas do amanhecer?

Um abraço do teu

Padre José Maria



À ENTRADA DAS OFICINAS, DEPARAMOS COM ESTA PERSPECTIVA DAS ESCOLAS NA NOSSA CASA DE LOURENÇO MARQUES.



SETUBAL

A Jesuina vestiu-se de luto. Luto carregado como a sombra negra que lhe invadiu a alma.

Não pode chorar mais. Secaram-se-lhe as lágrimas. Não pode gritar. Perdeu as forças. Não pode viver. Escureceu-se-lhe a esperança!...

Eu tinha-lhe garantido que não havia força nesta terra, capaz de a pôr fora da sua casa. A sua casa era sua. Mais sua do que a da maior parte dos homens. Não há no mundo muitas mulheres tão heróicas como ela. Construirá a sua

casa com o seu próprio sangue!...

Pai Américo abismou-se muitas vezes na heroicidade dos Pobres e proclamou este canto do mundo como «Pátria de heróis e de santos». Nas pégadas dele confirmamo-lo também!...

Os tarecos e toda a vida da Jesuina estão agora montados num palheiro. Ali é cozinha, sala de jantar, dormitório, casa de banho, etc. — tudo num palheiro! Mesmo assim o ambiente é arrumado.

A Jesuina trabalha oito horas

por dia na rude fabuta do campo, ora num patrão, ora noutra e arranja tempo para cuidar dos filhos, alguns ainda pequeninos, do marido, de todo o aconchego da família e de si própria. Ao vê-la rodeada dos seus, tive a sensação de que o seu bafo era o grande conforto da família.

O povo levantou-se para clamar Justiça. Não há ninguém que não clame. Todos a consolam e repudiam a sentença iníqua do tribunal que a despojou.

Alguns vizinhos, de lágrimas nos olhos, me vieram comunicar o seu desejo ardente de reparar o ultrage: — «Eu quero ajudar a construir-lhe uma Casa.»

A Jesuina disse-me hoje que o seu marido não quer viver. Não se alimenta, «não quer comer.» Perdeu o estímulo da vida! Eu, se estivesse na sua pele, não sei como reagiria! A mulher não! Anima-o. Exorta-o. Dá-lhe esperança.

Eu estou aqui a gritar e fá-lo-ei durante toda a minha vida. Se a autoridade competente não ouvir ele chegará, de certeza, junto d'aqueles que se dispõem a redimir o pecado dos homens! A Jesuina terá de novo a sua Casa!

Padre Afonso

Visado
pela
Comissão
de
Censura

Colaboração dos Leitores

Como, aliás, já é costume, após a seleção de cartas para o jornal de aniversário, sobrou correspondência que, por duplo motivo, não nos atrevemos a lançar fora. Ela aí vai, pois, e ainda não é toda!

UM BÁLSAMO

«Corei ao receber o vosso postal aviso.

Desculpai-me. Ora eu que digo que a leitura dele é para mim um bálsamo e o melhor dos calmantes, de admirar é eu ter-me esquecido de pagar com tão pouco dinheiro tão grande remédio.»

MINHA CARTILHA

«Junto envio 50\$ da minha cartilha que é por onde rezo.»

UMA CHAMA VIVA

«Dou o meu inteiro aplauso ao jornal que medita sempre e é uma chama viva a iluminar tantas vezes o nosso caminho ofuscado com tantas contrariedades. O mesmo para toda a vossa Obra que considero fruto do Evangelho, que é tão «revolucionário» e não se contenta com cristãos tão acomodados e instalados na vida. Pois que «O Gaiato» continue a «quemar-nos» com o fogo do Amor e a escalpelizar tanta injustiça e tanta caridade de espírito paternalista.»

As minhas saudações sinceras e amigas a todos os obreiros dessa Obra (padres e leigos) e a minha união em Cristo servo e pobre.»

ASSIM QUE VEM, VOU LÉ-LO

«Junto envio... para assinatura do querido GAIATO.

Não sei se estou muito em atraso... Vou ver se consigo ser mais pontual para o futuro. Mas já o previno se não mandar o dinheiro com pontualidade, por favor não me cortem a assinatura, pois gosto muito dele.

Assim que vem, vou logo lê-lo, pois não consigo trabalhar com assento enquanto o não ler.

Amo sinceramente essa tão grande Obra, Deus me proporcione alegria de poder conhecê-la pessoalmente.»

O ETERNO EGOÍSMO

«Venho com imensas desculpas enviar a importância de 250\$00 para pagamento dos meus jornais que julgo estar em atraso.

Há muito que sei ser este

o meu dever, mas o eterno egoísmo que nasce no coração dos homens bem instalados na vida, deixou-me esquecer e deixar sempre para mais tarde esta obrigação que tenho para aqueles que não tiveram a minha sorte.

Péssima esta minha maneira de dar graças ao Senhor por me ter dado um pai, uma mãe e hoje um marido e dois filhos

que são o meu encanto. Que Ele me perdoe e me leve em conta este meu tardio arrependimento.

Creia, Senhor Padre, no entanto, que apesar do meu mau proceder, eu não esqueço os seus meninos, aliás os nossos meninos, uma vez que a todos cabe a responsabilidade de fazer deles homens, pois que de uma maneira ou outra todos

somos culpados da sua sorte pouco afortunada, embora agora seja afortunada uma vez que estão debaixo dessa abençoada Casa.»

postal, para completar, e já com a minha direcção.

Obrigado pelo que me têm dito.»

LONGE DA PÁTRIA

«Neste meu isolamento, longe do meu pai e dos meus, o GAIATO é uma alegria enorme para mim e logo que chega, não o ler dum a assentada é um sacrifício que raramente consigo fazer.

Um abraço muito amigo para todos vós.»

QUATRO ANOS DEPOIS...

«Em 1966 parecia-me impossível que passassem quatro anos sem ter contactos com a Casa do Gaiato. Embora a complicaçāo da vida seja uma realidade, o que é um facto é que não basta para justificar esta ausência. A natureza humana, mais dada à indolência e comodismo, tende sempre para «adiar para amanhā o que podia fazer hoje.»

INEFÁVEL LENITIVO

«Embora as minhas ocupações profissionais não me permitam contactar convosco com a regularidade desejada, creiam que nunca os esqueço e que no meu coração há sempre um lugar reservado para vós.

O vosso Jornal constitui para mim um inefável lenitivo para as agruras e desânimos resultantes de um dia a dia fértil em injustiças, hipocrisias e desprezo pelos mais elementares princípios. É uma época caracterizada por superabundância de palavras e escassez de obras. Predomina o mais sórdido egoísmo e com frequência se encontram lobos sob a pele de cordeiros. Ora é extremamente consolador verificar que ainda existem neste Mundo conturbado Obras como a vossa, onde se descortina o autêntico Cristianismo, e em que permanece sempre actual e perene a doutrina inconfundível de Pai Américo. Possuo todos os livros editados pela Casa do Gaiato, genuínas páginas dos Evangelhos, os quais ocupam um lugar de relevo na minha biblioteca.»

Correspondência de FAMÍLIA

«Estimado amigo, fez no dia de Natal oito meses que para aqui vim. Tudo vai correndo normalmente, estamos no tempo das chuvas, e eu nunca vi chover como aqui chove, também lhe digo que esta vida aqui no mato nos serve como um retiro, eu pelo menos faço disto o meu retiro espiritual, pois temos tempo de sobra, para pensarmos no que fomos, no que seremos e no que esperamos ser.»

«Como fiquei contente com o seu aero — há tanto desejado! Deus sabe quanto!»

É verdade que lhe perdoei todo esse tempo de silêncio (já lhe tinha perdoado muito antes), mas doia-me no fundo essa ausência! Sabe que eu, (e muitos outros) temos falta do carinho de alguém. Mais que nunca aqui, onde travamos lutas constantes com o nosso eu. Na procura do ideal de vida para que não caiamos na devassidão. E, por graça de Deus lhe afirmo: não quero ser um escravo do corpo — é tudo. Mas, eu só não sou nada para sustentar esta luta (que por vezes parece vencer-nos), e é por isso que quero as suas palavras vindas de alguém mais forte.

Este ano já começou. O Natal foi triste, não houve a presença do Menino-Deus na Eucaristia, mas nós quisemos tê-lo no coração.

A vida cá, vai decorrendo como o habitual. Tenho recebido correio dos nossos.

Tenho escrito aos que o fazem também.

Saudades a todos. Sobretudo muita coragem para todos os momentos deste novo ano. Deus esteja com todos.»

FESTAS

CINE TEATRO

LOUSÃ — 17 de Abril

TEATRO AVENIDA

COIMBRA — 19 "

CINE CASINO PENINSULAR

FIGUEIRA DA FOZ . — 21 "

TEATRO AVEIRENSE

AVEIRO — 23 "

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

CANTANHEDE — 24 "

CINE TEATRO AVENIDA

CASTELO BRANCO . — 26 "

CINEMA GARDUNHA

FUNDÃO — 27 "

TEATRO CINE

COVILHÃ — 28 "

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA

LEIRIA — 30 "

TEATRO ALVES COELHO

ARGANIL — 1 de Maio

CASA DA MÚSICA

AVELAR — 2 "

CINE TEATRO

TOMAR — 3 "

CINE TEATRO STEPHENS

MARINHA GRANDE . — 5 "

CINE TEATRO

GUARDA — 8 "

GINÁSIO DO COLÉGIO

SEIA — 9 "

TEATRO DE ANADIA

ANADIA — 11 "

CINE TEATRO

POMBAL — 15 "

Nota: Todas estas festas são às 21,30 h.

Bilhetes à venda nas casas do costume e na Guarda, Arganil e Marinha Grande no Escritório Paroquial.

MONUMENTAL

LISBOA — 22 de Abril

às 18,30 h.

Bilhetes à venda nos seguintes locais:

Franco Gravador, Rua da Vitória, 40 tel. 361406; Montepio Geral, Rua do Ouro, 241, tel. 323001 e na Ourivesaria 13, Rua da Palma, tel. 851939.

Nas bilheteiras do MONUMENTAL, só no dia da Festa.





Passou a quadra do Natal, em que há mais alegria e mais generosidade para com os nossos Irmãos menos favorecidos. Mas é preciso não esquecer que se eram pobres, continuam a sê-lo e, por isso, precisam sempre do nosso amparo ao longo dos 365 dias que o ano tem!

As nossas mulheres e raparigas, continuam também à espera das vossas encomendas. E há tanta coisa que se faz aqui e faz falta em vossas casas! O Famoso corre o País de lés a lés. E até passa as fronteiras. No entanto, são tão poucas as terras que nos conhecem! Este ano, ficaram-nos ainda 50 camisolas por vender. O frio continua, e tanta criança sem agasalho!

Vou indicar as poucas terras que fazem o favor de pedir os nossos trabalhos. Hoje vou falar apenas de Lisboa, ou não fosse a capital! Para lá foi tudo o que passo a descrever, desde Abril até Dezembro:

Uma camisola, mais 5, 3 pares de sôquitos, 1 chale mais 5 deles. Um jogo de cama, mais 1 chale, 1 cobertor, mais camisolas. Com 695\$00 uma Senhora paga camisolas que foram enviadas para os rapazes do Tojal. Mais um chale e 6 casacos para bebé; mais 1 chale e uma camisola; mais sôquitos

Maria Augusta

(«gostei, estavam perfeitinhos»); mais 11 chales e 1 colcha de gaze. Outro jogo de cama. 2 capas para Senhora. «Ficámos satisfeitas.» Mais sôquitos. Um tapete para um altar. Para o Instituto de Assistência à Família 52 chales. Dispensário D. Amélia, 47 camisolas. Mais 2 colchas para berço e 5 camisolas de criança. Seis pares de sôquitos e 1 chale; mais 1 chale a enviar para o Calvário. Mocidade Feminina 18 chales pequenos para crianças. Uma colcha para vender numa quermesse, a favor de uma Conferência. Outra colcha de gaze. «Gostaram muito da primeira, por isso, peço outra este mês.» É uma Senhora que todos os meses nos faz uma encomenda. Uma colcha em lã e algodão para cama de casal: «Fiquei radiante! Que linda que ela é!». Mais um chale e uma capa; mais 6 casacos para bibe, e 7 camisolas. 6 pegas e 26 pares de sôquitos («São tão bons para dormir!»). Mais 18 camisolas e 10 casacos para senhora e mais 10 chales. Tinha-se recebido os donativos que enviam, também de Lisboa. Os agasalhos para o Calvário; (pedidos por um senhor, que assina «Bem Hajax»), foram entregues à medida que se executavam. Assim se agasalham os doentes e se fornece trabalho às nossas mulheres e raparigas.

As nossas orações continuam por todos os que de qualquer maneira nos ajudam.

A pedido de algumas pessoas, aqui vai novamente a nossa direção:

Casa de Jesus Misericordiosos — Ordins — Lagares — Douro Telef. 95142 — Vales pagáveis em Paço de Sousa.

Maria Augusta

Ao retomar o apontamento de quanto nos têm dado, informo os nossos amigos de que a Comissão do Natal dos Pobres nos entregou 54.456\$00 para as nossas obras. Esta ajuda vem alimentar a esperança de vermos a Casa-mãe acabada antes do fim do ano. O ritmo lento do ano passado, as frequentes solicitações criaram em mim uma ansiedade estuante de abrir caminho a mais rapazes.

Entretanto esperamos, das bençãos de Deus, esta de no dia a dia haver sempre quem marque presença, como tantas que seguem. Por intenção do Joaquim Guilherme 50\$. E 60\$ todos os meses de alguém que manda lá receber de ora em diante, mas não sabemos morada. Mil e algumas carradoras de pedra de C. Pires. Um fogão eléctrico do amigo do nosso Tónio Augusto que continua ausente desta Casa. 3.500\$ para cimento. Dois divisões. De Inhamissa 50\$. Roupa e calçado. Mais, da Av. João de Deus. Da Malvérnia 1500\$ com promessa de madeiras para a nossa oficina. E altura. Cruz da Beira fielmente com 100\$ mais 200\$ por alma do pai. Um

CAMPANHA DE ASSINATURAS

O GAIATO em festa! A Campanha, idem.

Por isso, em estilo telegrafo, eis o movimento de um só mês — 90 novos leitores. Já recebemos — em pouco mais de um ano — cerca de 2.500 novos assinantes! Graças a Deus. E ao devotado trabalho dos nossos milhares d'amigos.

• REJUVENESCIMENTO DE FILEIRAS

Como a Campanha é, de facto, um rejuvenescimento de fileiras, aviva e motiva no espírito de pais e avós, a transmissão da chama sagrada do Famoso a filhos e netos. Aqui está:

... Logo que os senhores possam, mandem o jornal — que eu pago — para uma neta que tenho em Espinho. Ela não sabe que eu lho vou mandar. Quero que os meus netos se dediquem a ler o Famoso, pois já meti também um filho como assinante, que mora no Porto. Eles ficaram surpreendidos quando o receberam. São coisas minhas...»

E de Espinho e está tudo dito.

• POR TODO O MUNDO PORTUGUÊS...

Valente procissão! Passa um dinâmico grupo de Angola. Amigos de Luanda, Ga-

bela, Calulo, Carmona, Malanje, Santa Comba e... 15 habitantes de Henrique de Carvalho!

A costa oriental, banhada pelo Índico, alinha, também, em cheio! É Lourenço Marques, Inhambane e Beira. Enquanto em Angola, desta vez, prevalece o dedo de Padre Telmo, em Moçambique é só Padre José Maria.

De Porto e Lisboa um ror de gente! E ainda nem todos se meteram ao caminho...

No meio desta avalanche, temos muito boas notícias — que dariam para colorir um belo mapa de Portugal continental. São presenças de Braga, Ilhavo,

Continua na QUARTA página

DOUTRINA

o rodeia. Os meios de comunicação social são uma realidade quotidiana.

Que mundo novo é este do século vinte? Um mundo de angústia, de confusão, de ditadura, de revolução, um mundo no meio do qual nós, homens de 1970, vivemos na doce calma daquele que «não faz nada de que se censure»... ou daquele que não está comprometido e se sente satisfeito consigo mesmo.

Comprometido: palavra que parece sem significado. O que significa hoje? Comprometido para com quê ou com quem?

Comprometer-se é intervir e tomar parte activa nos problemas do seu tempo. Exige pois uma certa continuidade no pensamento e na acção, pois esta é a tendência natural num futuro mais ou menos próximo.

Ao longo da nossa vida vários são os compromissos que nos são propostos: desde o de estudante ao de trabalhador. O seu complemento, mais que nunca indispensável, é a formação pessoal, que mais tarde servirá para estabelecer uma verdadeira hierarquia de valores e tomar opções. Depois põe-se o problema da educação das crianças, com as suas múltiplas implicações psicológicas.

O compromisso político ou social não impede de modo algum este longo caminho, porque tem em conta a razão do homem na sociedade.

No entanto, estas responsabilidades humanas, por muito primordiais que sejam, não bastam para nos abrir à dimensão do mundo.

Qual o sentido desta eterna renovação? Apesar de milhares de anos os homens voltam ao princípio. Só um deu a resposta... e fê-lo com o seu sangue! Comprometeu-se até à morte no meio dos homens, mostrando-lhes o caminho. Este homem devia ser louco! A sociedade condenou-o: Ele era culpado do Amor...»

...Cristo suscitou em cada um de nós uma vocação bem precisa, quer se situe na Escola, na Faculdade, na Profissão, no Lar. Mas seríamos nós capazes, se nos fosse pedido, (...) de nos comprometermos a fundo sem ser impedidos pelas consequências que daí possam advir? (...)

Alguns compromissos particulares nos solicitam: p. ex. de membros vicentinos. Mas compreendemos a Caridade que nos é pedida para viver na Sociedade de S. V. P.?

Fazemos uma visita a uma pessoa idosa ou isolada, ou damos apoio a um doente, um diminuído físico, um delinquente, um recluso — mas amamo-los verdadeiramente? Não basta levar qualquer coisa: é preciso amor, verdadeira troca de amor. Não somos «visitadores», mas «companheiros de caminho». É preciso conhecer-se mutuamente. Saber escutar o outro é toda uma arte: aprendamo-la. Mas este amor não é passageiro. Deve reflectir-se na nossa vida de todos os dias. É amando todos os homens, tentando pormo-nos no seu lugar, que estabeleceremos um diálogo digno desse nome.

(...) Não há verdadeiro Cristianismo fora do entusiasmo, do dinamismo e da adaptação. Não nos preveniu S. Vicente de Paulo contra «os mornos», que não têm senão uma pequena periferia, que limitam a vista como o desenho dum círculo em que se fecham como num só ponto? «Não querem sair de lá e se se lhes mostra alguma coisa para além dele aproximam-se para o observar, mas logo voltam ao seu centro como os caracóis voltam para a concha...»

Deus nos perserve de limitarmos assim os nossos horizontes!»

LOURENÇO MARQUES

cabrito para o Natal e ainda outro que ficou no nosso rebanho. É uma cabrita. 50 litros de óleo dum velho amigo de Inhambane. Uma nota para guoseimas aos mais pequeninos. Duzentos de família que recebe todas as quinzenas os nossos vendedores. Quatrocentos dum cursista. Um embrulho de roupas da Jules Street. Roupas e brinquedos da Bartolomeu Dias. 900\$ do Pessoal da Contabilidade e vendas da Ribalac. Na rua, em vésperas de Natal, 500\$. Dum empregado do A Teixeira 400. Mil do primeiro vencimento. Setecentos «dum remediado». Cinco mil e uma consoada muito grande. Da Cruz Vermelha um saco de açúcar. Cem na «Cafum» e uma máquina de aparar relva, oferta de empregados. De Nacala 1.000\$ e 630\$. Um bolo rei em dia de Natal, e muitos outros bolos reis. Dos Empregados Bancários 500\$. Dois sacos de cimento, na Brito Camacho. «Para ajuda das obras com desejo que se concluam rapidamente, dez mil. Mais roupa. Mais cem dum empregado da Soc. Ferragens e Vidros e mais a contribuição de alguns pelo Natal, no montan-

te de 1.065\$. Uma carrada de coisas entre elas esta máquina de escrever e uma carrinha Volkswagen que estamos a reparar para serviço dos estudantes.

Outra presença de Quelimane com 120\$.

E agora aquelas Firmas da cidade com quem contamos sempre: Fasol, Sena Sugar, Incomati, Cajuca, S. Gil, CIM, Centro Distribuidor de Óleos, Protal, Casa Bernina e muitas outras em pequenas cotas. Na Catedral, também alguns nossos amigos se habituaram a fazer entregas: Permar com 195\$ todos os meses, cem de alguém, idem com 375\$ mais 500\$ de quem acabou de adquirir a sua casinha, mais 200\$, mais 500\$ duma promessa. Mais 50\$ mais outra vez 500\$ e mais 700\$ duma promessa.

Recebemos ainda um acordeão novo, surpresa muito agradável quanto é verdade que me tenho esforçado pela cultura musical dos nossos rapazes. Faz-nos muita falta uma viola. Do Luabo chegaram-nos 200\$. Mais 350\$ de Lisboa. De uma promessa já antiga 1500\$. Cem de uma visitante e quinhentos dum Sócio do A. Teixeira que tem sido muito amigo. Que Deus pague a todos com Sua Amizade.

Padre José Maria



Não temos tomado fôlego e vamos continuar assim até ao fim da romaria. Agora tem sido a organização do itinerário e elenco do programa. A primeira é um pouco comigo. O segundo pertence aos rapazes.

Do programa nada sei dizer. Só dou conta dos passos deles a caminho dos dormitórios, quando já tenho feito um sono. A Senhora queixou-se à mesa de que o Carlitos, se o deixarem, passa a noite a cantar. São reuniões, são ensaios, toca o gravador, gira, gira-disco. Há festa a todas as horas e por toda a parte. A vida é uma festa.

Tenho sentido raja-las sobrenaturais ao falar com os donos das casas e com as pessoas que tomam amorosamente sobre si a festa em cada terra. Sentimos que a nossa presença é cada vez mais desejada.

No Teatro Avenida de Coimbra fui recebido com o abraço muito amigo do costume e logo a oferta insistente de que podia marcar já a segunda festa. Quanto devemos de gratidão àquela família!

Demos um salto a Aveiro.

Festas

No teatro já tinham falado em nós. Tudo facilidades, todos mãos dadas.

Foi um dia todo, e bem aproveitado, para as Beiras. A primeira paragem foi Arganil. Tão perto e tão simpática e só este ano se juntará connosco no Teatro Alves Coelho.

Mais um arranque e começámos a ver Seia. Recordámos tudo do ano passado. Foi a última e fechou com chave d'ouro. Este ano será no ginásio do Colégio.

Os vicentinos da Guarda toparam à sua conta a nossa festa. Ninguém venha dizer que é fria. Já o ano passado o sentimos e este ano os vicentinos irão confirmar o calor dos habitantes da Guarda.

Covilhã era de neve e sol. Um abraço apertado e todos

que sim senhor. Mais um pulito até ao Fundão e encontrámos o mesmo amor de Mãe. Novamente a Opel a rodar e Castelo Branco à vista. Ali já ninguém dispensa a presença dos Gaiatos. Três horas a ultrapassar a serra e eis-nos em Casa.

Outro dia fui para o Litoral. Pombal foi a primeira a marcar. Leiria já andava preocupada com a nossa demora. Marinha Grande tem tudo preparado para nos receber no Cine Teatro Stephens. Figueira da Foz quer esgotar outra vez o Cinema do Casino. O ano passado foi em Chão de Couce e este ano será no Avelar. As duas vilas entendem-se bem. Tomar prometeu continuar a ser o ambiente familiar dos outros anos.

Cantanhede, Anadia e Lousã não deixam seus pergaminhos por mãos alheias. A concluir veio um grupo do nosso vizinho Vale de Colmeias a dizer que nos quer também na sua terra.

Eis o itinerário da nossa romaria.

Padre Horácio

DESABAPOS

«Como li no seu último jornal que este ano não haverá festa, fiquei com muita pena, mas ao mesmo tempo reflecti, que realmente se não se faz é porque não pode ser e não tenho sequer o direito de objectar seja o que for. Mas, para me dar a impressão de que fui a ela (em pensamento, é claro) envio-lhe essa pequenina importância que é como se fossem os nossos bilhetes.

Não leve a mal, mas eu assim fico muito contente, assim como a minha irmã, que é da mesma opinião.»

x x x

«Foi com grande mágoa que li no nosso Jornal a notícia que este ano não havia festas, por haver certos problemas que os Srs. expuseram, de certo neste decorrer de anos que as festas se faziam sempre havia de haver sacrifícios pois ainda o ano passado o Bernardino tinha vindo da tropa há poucos dias e ele fez com que as festas se realizassem. O Américo veio em goso de férias e também ele em pouco fez as festas, se isto era tradição de Pai Américo devia ser sempre respeitada, pois ele foi o fundador da Obra e das festas no palco do Coliseu que em alguns anos já passados o fui ouvir e sempre gos-

tei da Obra que ele fundou e eu que não vou durante o ano ao Cinema e nenhum divertimento e deixo o meu bilhete de ano para ano marcado no Espelho da Moda e então este ano até essa regalia me tiraram, nós bem sabemos que os Gaiatos não são artistas, mas para a gente qualquer coisa serve pois só queremos juntar-nos uma ou duas vezes no ano pois o Sr. Padre Carlos nos seus discursos do espetáculo da noite diz que nós que somos da Família da Obra da Rua, é só nós estarmos de fora e os Srs. de dentro. A Obra está precisada e precisa de fazer as festas, para auxiliar as dificuldades que atravessa, e também pômos em causa, o carinho com que a gente recebe os Gaiatos, mesmo não só no Coliseu, por essas terras aonde vão às festas, e a procura ansiada dos bilhetes, quer no Espelho da Moda, e nas bilheteiras do Coliseu, pois a sala do Coliseu é basta e está sempre repleta e até à saída parece uma romaria e ainda ficamos ali à espera que a Camionete parta com a malta para Paço de Sousa, todo esse carinho deve ser lembrado.

Dou por terminado o meu desabafo e com a alma cheia de tristeza e como eu deve haver mais e só pedia que pensassem bem no nosso desgosto e que realizassem as festas senão forem em Março é em Abril.»

x x x

Foi no primeiro domingo após a saída do jornal em que informámos não haver Festas na zona norte.

Uma senhora muito modesta, vem devagarinho atrás de mim e deixa-me na mão uma nota amarrucada: «É dos bilhetes. Estava guardado para eles... Eu nunca vou a nenhum espetáculo. Guarde.»

E desandou...



Vem da PRIMEIRA página

de Lisboa. Um dia destes, em plena Avenida da Liberdade, um Homem ainda novo, com uma criança com aparência de 3 ou 4 anos por uma das mãos, nos fez meditar no assunto, para lá dos calafrios causados pelo esforço violento a que o pobre miúdo era sujeito e pela correspondente iniciação na pedincha e suas consequências.

A ausência de vista é algo que nos perturba e incomoda. Todavia, os cegos, se pensarmos bem, são na sua maioria pessoas susceptíveis de larga gama de trabalhos ou actividades. Há, pois, que proporcionar-lhes ocupações adequadas e de dignificá-los em toda a extensão, facultando-lhes a possibilidade de ganharem o pão de cada dia. Para os casos de parasitismo ou de exploração, tomar-se-iam as providências ajustadas às circunstâncias, como em casos similares. O que não deveríamos fazer era

traumatizar mais aqueles que, por inusitados, carecem de atenções e têm direito à nossa pronta e efectiva solidariedade e ao respeito de todos nós. Dar esmola, como quem se desobriga de algo, fazendo acompanhar o acto da expressão «coitadinhos» ou de outra equivalente, nada resolve, antes complica e agrava. Interdependentes uns dos outros, ligados por elos não só naturais como sobrenaturais, deveríamos sentir-nos obrigados a resolver este e outros problemas e a recusarmos atitudes mais ou menos sentimentalistas de meros espectadores. Se é verdade que ao Estado cabe o principal papel, não podemos esquecer as nossas responsabilidades individuais, procurando, desde já, canalizar o nosso interesse e os nossos donativos para as Instituições que se devotam ao serviço dos nossos irmãos cegos.

Padre Luís

PATRIMONIO DOS POBRES

Nestes dias movimentou-se um pouco a faina. Foram placas para casas construídas há muito e ainda sem elas.

Já aqui tenho dito da dificuldade actual de conseguir casas para placas. Estas que ora mandámos, procuram alguma correspondência a devocções cuja seriedade é avaliada por um longo esforço de contribuição, levado o mais longe possível. Há mesmo os que se habituaram e não deixam de mandar, com maior ou menor regularidade, as suas contribuições.

Hoje mesmo, à hora em que escrevo, decorre em Viseu, mais uma entrega no Bairro de Santiago.

O obra não parou, pois, embora ande agora mais devagarinho.

Há uma semana, numa Paróquia vizinha do Porto, me era anunciado estar uma das casas desabitadas por não haver família carecida. Naquela freguesia há um bom lote de casas feitas há alguns anos. A emigração levou muita gente. (Ver os resultados do recenseamento que vão sendo publicados!). Trabalho há para todos os que possam e queiram prestá-lo e os ordenados são melhores...

Não vá daqui inferir-se, entretanto, que o problema habi-

tacional está resolvido e que não é a casa a maior dificuldade de todos os jovens que querem casar e vivem do seu salário.

É e assim será, enquanto a habitação for matéria de negócio e de especulação e ter um prédio a meta dos desejos de tanto português que arrecadou suas economias e as podia empregar em bens mais produtivos do que a propriedade imobiliária.

Ainda aqui, e sempre, são o desconhecimento de realidades maiores da economia e uma grande insensibilidade ao aspecto social inerente a todos os problemas, os maiores responsáveis por uma situação tão

distante ainda de solução satisfatória.

Reuniu-se à cerca de ano e meio um Colóquio sobre o problema da habitação que pôs o dedo em tantas feridas, mas do qual, infelizmente, se não viram ainda resultados que modifiquem a face da questão.

Entretanto do fundo do Património vamos continuando a repartir fatiazinhas para telhados e animando quanto podemos, os Párocos de zonas rurais ou sub-urbanas, para que transmitam o fogo aos seus trabalhadores e os estimulem a reunir esforços e a realizarem as suas próprias casinhas.

Em 1970 passaram-nos pelas mãos, com este fim, 560.256\$00 com que fomos ateando este fogo. A média (que bem gastaríamos de subir, tão diminuta foi sempre e hoje mais!) de 1.500\$00 por Família, dá 373 delas que concluiram ou têm em acabamento suas casas.

É pouco?... É quase nada...! Ainda assim, graças a Deus.

Campanha de assinaturas

Cont. da TERCEIRA página

Amadora, Vila Real, Peniche, Tomar, Anadia, Ermesinde, Portalegre, Setúbal, Palmela, Espinho, Póvoa de Varzim de mãos dadas a Vila do Conde, Coimbra, S. Pedro do Estoril, Viseu e Senhora da Hora. Valente procissão!

• ...E PELO ESTRANGEIRO

Onde um português afasta O GAIATO; pequenino discreto — sem o rótulo publici-

tário dos grandes — af a sua força! — a inquietar, dia a dia, tantas almas, tantos corações!

Desfilam portugueses de New Jersey Newark-U. S. A. Mais um grupo de Joanesburgo, Heidelberg e Gillis Mason, da África do Sul. E ainda mais de Kinshasa — R. D. C.; e Fischerst — Alemanha.

A bola de neve não para! Há-de rolar até onde, como e quando Deus quiser. A Campanha está nas mãos d'Ele — e nas vossas.

Júlio Mendes

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

